



A

N.º 56 — LISBOA 6 DE FEVEREIRO

2 ANNO 1901

PARÓDIA

PREÇO DA ASSIGNATURA

(PAGAMENTO ADIANTADO)

Lisboa e provincias, serie de 26 numeros... 500 réis
 Lisboa e provincias, serie de 26 numeros... 1.000 réis
 Cobrança pelo correio custa... 100 réis
 Africa e Estrangeiro, accresce o porte do correio.
 Vende-se em Paris no kiosque, 10, boulevard des Capucines (GRAND CAFE).

EDITOR — CÂNDIDO CHAVES

Publica-se ás quartas-feiras

CARICATURAS DE **RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO**

M. GUSTAVO BORDALLO PINHEIRO

Redacção — RUA DO GREMIO LUZITANO, 66, 1.º

Administrador — **GONZAGA GOMES**
 Administração — R. DO GREMIO LUZITANO, 66, 1.º

Composição: Min. Peninsular, 111, R. da Atalaya, 11
 Impressão: Lythographia Artistica, R. do Jardim do Tabaco, 92 a 98

Preço avulso 20 réis

Um mez depois de publicado 40 réis

THEATRO DA AVENIDA



Sousa Bastos, Palmyra Bastos e Alfredo de Carvalho — tres pessoas distintas numa gargalhada verdadeira

C. M. L.
 GABINETE
 DE ESTUDOS
 OLISIPONENSES

A CRISE DO THEATRO

No Theatro de D. Amelia e no do Principe Real, continuam em scena a *Severa* e a *Rosa Engeitada*.

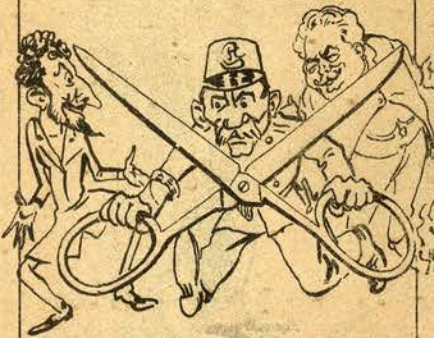
Nesta semana, tiveram ellas apenas algumas horas de descanso — de *relaxe*, como dizem os francezes, para irem á Revista. E como aconteceu haver logo duas revistas á escolha, a *Severa* foi á de Schwalbach, e a *Rosa Engeitada* á de Sousa Bastos.



Tambem nós lá fomos — e até fomos ás duas: *Talvez te escreva!* no Theatro Avenida, onde Sousa Bastos triumphou, e *Nicles!* na Rua dos Condes, onde Schwalbach delira. A' revista tem ido muito gente boa! Ambas são excellentes, ambas teen graça ás pilhas, ambas promettem conservar-se por largo tempo no cartaz — como costuma dizer José Parreira nos seus criteriosos artigos de theatro.

Mas ambas ellas peccam pela mesma deficiencia de critica.

Nem Sousa Bastos, nem Schwalbach quizeram servir-se do especulo da sua fina observação, para o



exame minucioso dos acontecimentos do anno.

O mesmo publico que tinha applaudido, na vespera, a peça de Julio Dantas no Theatro de D. Amelia, achou pouco *severa* a revista de Sousa Bastos; e quem tinha assistido aos lances empolgantes do drama de D. João da Camara, no Theatro do Principe Real, achou a revista de Schwalbach pouco *rigorosa... engeitada!*

A' espera d'isto já nós estavamos. O publico acostumou-se ás emoções violentas dos dramas da Mouraria, e já não quer ir a theatro onde não corra algum perigo de ser cosido a facadas.

Imagine-se agora a transformação caprichosa a que vae dar lugar, no Theatro portuguez, esta nova e impetuosa corrente do gosto publico!

Conjecture-se um pouco o imprevisito dos expedientes que as empresas das diversas casas de espectáculo vão ser forçadas a pôr em pratica, para evitar uma ruina imminente por falta de espectadores!

O Theatro de D. Maria Virginia Posser Ferreira da Silva tendo de travar uma verdadeira *lucta intima* de familia, cujo *pae prodigo* esbanjou toda a sua fortuna com ingenuas, como um leviano *papa flôres*, decide-se afinal, para se salvar de uma quebra, a aceitar o sacrificio da *Irmã mais velha*, que põe casa... de hos pedes!

O Theatro do Gymnasio, não podendo já chamar concorrência com a *Dama das Camélias*, que até agora tem tido em scena, porque nessa peça, tal como a escreveu Alexandre Dumas, Margarida Gauthier morre tísica, e já ninguem acredita que alguém possa morrer tísico desde que existe a Assistencia Nacional aos Tuberculosos — encarregou o nosso amigo Freitas Branco de traduzir um 5.º acto do allemão, em que a heroína do drama seja assassinada pelo Armando da Silva, com uma facada... politica!



O Theatro da Trindade, vendo fugir-lhe toda a gente, e não sabendo que mais *voltas* dar no mundo em *oi tenta dias* para fazer reclame ás peças, procurando fugir d'esse beco sem saída, mette as *Duas Princesas* no beco da Ricarda, e arma lá dentro uma grande desordem entre marinheiros inglezes e guardas-municipaes, com bayonetas caladas, o José Ricardo a falar — pelo nariz, e a Mesquita alta a gritar áqui d'*El Rei... damnado!*



Esta é que é, quanto a nós, e com licença do nosso illustre amigo Lopes de Mendonça, a verdadeira crise do Theatro nacional.

Em S. Bento



Santa Ritta:—Peço a palavra!

Presidente:—Está lá um...

Cartas de Namoro DE UM DEPUTADO

A UMA PRIMA, QUE FICOU NA PROVINCIA



Minha bem boa prima :

Até que afinal, cá estou eu em Lisboa! Cheguei perfeitamente, sem nenhum embaraço no trajecto. Só depois de cá estar é que tenho sofrido um ligeiro embaraço gastrico, mas Lisboa é uma terra de muitos recursos—pois basta dizer que é aqui a sede de todos os Tribunaes Superiores—e todos os embaraços se resolvem logo que ha dinheiro e Sedlitz Chanteau.

A prima ha de desculpar estas minhas franquezas, porque bem sabe que a minha politica é a mesma do João Franco. E quando se fala a uma pessoa de amizade como a prima, não se deve reter nada do que cá vai por dentro.

Se não lhe dissésse tudo quanto tenho soffrido de saudades na sua ausencia, acontecia-me o mesmo que me teria acontecido se não me habituasse a tomar amiudadas vezes um pequeno laxante : arrebetava!

Emquanto durar a presente sessão legislativa, preciso cumprir com regularidade estas duas prescripções—uma do meu medico, outra do meu coração: purgar-me e escrever á prima. São dois promptos alivios. Por isso, não estranhe a prima que eu muitas vezes lhe fale com o coração e... —se der licença. — com as calças nas mãos.



Logo que cheguei, dirigi-me a casa do nosso Tio Abrantes, o qual por mais de uma vez me tinha dito que, se algum dia eu saísse deputado, para casa d'elle é que havia de vir, e ficar, enquanto me demorasse em Lisboa. Sabei-se-me um grande intrujão, o Tio Abrantes, pois nem m'ora onde me dissera que morava, nem sequer existe a rua onde elle me tinha dito que era a sua casa. Quem tal diria, veja a prima!

O Tio Abrantes, o morgado de Ruivães, que ahí deixou fama de homem de bem ás circeitas, e de alma até Almeida, vende as quintas, abandona as terras, vem para Lisboa, mette-se na politica, gasta tudo nas eleições, enche-se de dividas, e no dia em que o fazem par do Reino e elle entra na Camara Alta, a Vanguarda diz lhe na cara, em boa letra redonda, que por muito me nos outros entraram na cadeia!

Como não encontrasse esse querido Tio, que já me vai parecendo um Tio Milhões... de diabos que o carreguem, metti-me á procura de um hotel que não me obrigasse a grandes despezas, e fui subindo o Chiado, onde me tinham dito que encontraria uns poucos. Mas nem a prima pôde fazer uma leve ideia do que seja o Chiado, com o tambem eu a não fazia! O Chiado é a grande arteria de Lisboa. D'um lado e d'outro, estão os grandes estabelecimentos da capital, as grandes lojas de modas, as grandes mercarias, os grandes clubs, as redacções dos grandes jornaes, as grandes livrarias, e os grandes hotels.

O Hotel Borges e o Hotel Alliança são a ultima palavra no seu genero. A prima não imagina o luxo que se ostenta nestas duas casas. Só a entrada do Hotel Borges é um deslumbramento, toda revestida de espelhos com grinaldas de myosotis, de margaridas gauthiers, de leucorrhéasinhas entrançadas em cercadura! E se a prima visse uma mesa de pau Santo Antonio de Lisboa, que está no portão do Hotel Alliança, entre Portugal e a Inglaterra! E' uma mesa lindissima, riquissima, e de pés torcidos—como a Maricas Afonso, que casou com o delegado do Thesouro, tambem lindissima, riquissima, mas de pés torcidos!



Percebi logo que nada d'aquillo me convinha em preço, e fui continuando para cima. Um pouco adiante do Hotel Alliança, vi um grande letreiro que dizia: Hotel do Livre Cambio, estampado á porta de um edificio de modesto aspecto.

—Cá está o que me convem, disse eu! E entrei. A' minha direita, mettido num cubiculo, e de traz d'um pequeno balcão estava um homem gordo, de barba preta, que logo eu soube chamar-se o Sr. Sant' Anna, porque alguém que entrou atraz de mim assim se lhe dirigiu.



Aproximei-me do balcão e perguntei, familiarmente:

—Diga-me, Sr. Sant'Anna, temos algum quarto devoluto no hotel?

—De boca, ou de frente? perguntou me o bom homem.

Não percebi, com franqueza, mas não quiz dar parte de fraco, e respondi ao acaso:

—De boca, se faz favor. Sant'Anna entregou-me então um pequeno bilhete cor de rosa, em que colou um pedaço de sello de recibo, e disse:

—Dois mil e quinhentos.

Eu continuava a não perceber, mas continuava tambem a não querer dar parte de fraco, e paguei religiosamente dois mil e quinhentos réis, imaginando que se tratava de um signal adiantado. Para começar por alguma ponta, perguntei de novo.

—Posso mandar buscar já as malas?



O bom homem Sant'Anna sorriu á flor dos labios, e disse com a cabeça—que sim. Voltei á estação do caminho de ferro, despachei a bagagem, e mandei um gallego levar-me as malas ao Hotel do Livre Cambio.

Agora, imagine a prima com que cara eu fiquei, quando vim a saber em que meada me embrulhara! O Hotel do Livre Cambio não era hospedaria, era uma comedia; e a casa onde eu tinha entrado, e onde o Sant'Anna me pedira dois mil e quinhentos de signal, era o Theatro do Gymnasio, onde se representava essa comedia!

Fiquei a olhar ao signal, e para não perder tudo, nessa mesma noite me regalai, só-sinho, com uma frisa de boca.



Já tomei assento na Camara. Fico pegado com o Louza, que a prima conhece, parente das Senhoras Louzas, que gostam d'aquellas cousas que se chamam concessões em Africa; e com o Alberto Bramão de Saxe Coburgo Gotha, principe das Lettras, em commissão no gabinete de leitura do Presidente do Conselho muito util para tirar nodos, ou a Parabola dos sete vimes pelo Dr. Trindade Coelho.

Logo no primeiro dia quiz pedir a palavra para defender os interesses do nosso circulo, mas fui avisado de que não é costume tratar de outros circulos enquanto se não sae do circulo vicioso da resposta ao Discurso da Corôa, da discussão do Orçamento e do bill de indemnidade.

A prima não sabe o que é o bill de indemnidade, pois não? Está como eu, como o Louza, e como o Bramão. Perguntei a varios deputados e nenhum m'ou soube dizer. De maneira que, quando chegou o momento da votação... approvei! Começo a desconfiar de que foi por este mesmo systema que eu tambem fiquei approvedo em todos os exames!

Adeus prima... do seu

PRIMO ANTONIO.



PENSAMENTOS

A caridade é como a mathematica : não tem conta.

ANTONIO CABREIRA.

Uma segunda bebedeira de cognac—eis o alcool ractificado.

BATALHA REIS.

RIMANCEIRO

Rosa fresca, rosa fresca,
Linda rosa de papel.
Quem gosta de mim é ella
Quem gosta d'ella sou elle!

GONSALVES DE FREITAS.

Tudo, etc. etc. etc.

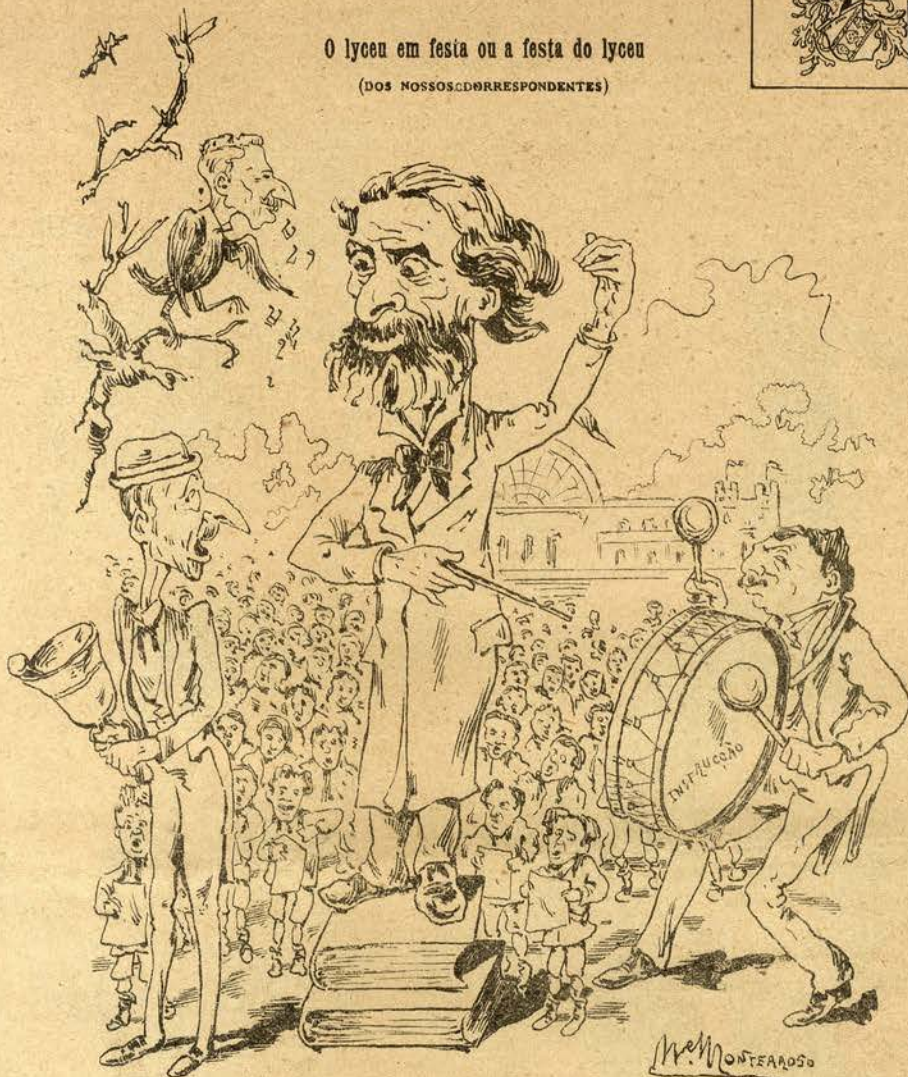
A RODA
A SEVERA



— Chora, fadistas, chora
que a Severa já morreu!

O lyceu em festa ou a festa do lyceu

(DOS NOSSOS CORRESPONDENTES)



A estampa que o leitor move
Com bem cabido requinte,
Se é do séc'lo dezenove
Retrata os que dão no vinte !

E' simples, sobria e modesta,
E affirmo, sem contradita,
Que é um documento da festa,
Com muita festa p'rá dita !

Porque diz-se em Santa Comba
E terras de Celorico
Que em festas ditas d'arromba
Esta foi d'arromba e pico !

Sim, d'arromba e desde o berço
— Solfa em barda e boa barda,
Programma de légua e terço
E o Zé Vitelius de guarda !

Depois, a encher intervallo,
O Vieira da Cruz, o arisco,
A dar com força ao badalo,
Chamando fiéis ao aprisco !

E o Maia ? Então não lhe outhorgam
Louvores d'alma não pèca
Vendo-o d'alho no grande orgão
Do Eduardo da Fonseca ?

Em summa, tudo um primor !
No entanto bem alto canta
Que um outro alto valor
Bem mais alto se alevanta !

— E' o augusto luso, Luso
Que inspira co'a lusa musa
Ao Neves, confuso fuso,
A pouco confusa fusa !

TITO LITHO.

HISTORIAS DE GALLEGOS

Foi tal o successo obtido pela veridica historia de uma mudança feita por gallegos, e contada por nós ha tempo; choveram nesta redacção, não só do continente do-reino, ilhas adjacentes e colonias, como tambem do estrangeiro, tantas cartas, bilhetes postaes e até telegrammas sobre o assumpto. não sendo das menos commovedoras as cartas que nos foram enviadas pela Sr.ª D. Claudia de Campos e pelo Sr. D. Miguel de Bragança, que esteve ahi tão incognito que nem o diabo era capaz de dar com elle — que resolvemos archivar neste jornal alguns logares selectos dos gallegos mais classicos que Lisboa tem conhecido. E' uma homenagem que prestamos á laboriosa colonia gallega em Lisboa, e uma efficaz propaganda que fazemos em favor da união ibérica, satisfazendo assim um antigo pedido do nosso collega Magalhães Lima, que anda inquieto por uma aproximação de Hespanha, já que nos é im-possivel obter a taluda.

Para hoje temos duas anecdotas, qual d'ellas a mais verdadeira.

Numa occasião, um de nós ia de passeio com Fialho d'Almeida. E na Alegria encontrámos dois gallegos, um velho e um novo, preparando-se para erguer do chão um lote de mobiliario em mudança.

O velho explicava ao novo a maneira de metter a corda, de puxar, de enfiar o pau. Mas tudo era de balde. De balde e de regador. O gallego novato não dava uma para dentro, e o outro, vermelho como um pimentão, praguejando desesperado, renovava explicações, ensinava. Mas o animalcjo não conseguia fazer coisa com geito. Por fim o velho, damnado, escamado como uma barata, gritou-lhe:

— Raios te partam! Bem te podes metter a oirives, que p'ra isto nun tens xeito!



A outra foi ha deseseis annos. Havia na Rua da Escola Polytechnica um relojoeiro. Para a lojita do homem iam muitos rapazes estudantes ao cavaco, no intervalo das aulas. Um bello dia entra um gallego com um relógio de parede, declarando que a ama mandava aquelle tarrantorio, que não andava, para concertar.

O relojoeiro metteu a lupa no olho e poz-se a examinar o relógio. E logo o gallego:

— Exa arte de *vo-xe-xê* debe dar cabo da vista!

— Assim, assim ..

— Também a minha.

— Qual é a sua?

— Eu *xou* aguadeiro!



POR AQUI, POR ALI E POR ACOLI



Velho e saudoso amigo se assigna um cavalheiro que do Porto nos envia um exemplar da *Cartilha de Doutrina Christã*, devido á penna aparada do Sr. A. J. de Mesquita Pimentel. Para o dito piedoso livrinho chama a nossa attenção o velho e saudoso amigo, que assignalou a lapis azul a seguinte passagem referente á Paixão de Nosso Senhor Jesus Christo:

«Seis mil quatrocentas e setenta e duas feridas teve em seu santissimo corpo.

As gottas de sangue foram dezoito mil duzentas e vinte e cinco.

As lagrimas que chorou foram seiscentas mil e duzentas».

Para o effeito de liquidação de contas precisamos fazer uma continha:

Feridas	6.472
Gottas de sangue	18.225
Lagrimas	600.200
	624.897

Somma seiscentos e vinte e quatro mil oitocentos e noventa e sete.

Nosso Senhor Jesus Christo permita que outros tantos raios partam o Sr. A. J. de Mesquita Pimentel, em companhia de quem mais deseje.



Este bocadinho de oiro que os srs. vão lêr é arrancado a um livro de versos publicado recentemente por um poeta, que se Deus Nosso Senhor quizer ha de ir parar á Correção, mais dia, menos dia:

Amos depois, matriculei-me no Lyceu
Da pittoresca e linda villa d'Amarante...
Que desgraçado fui eu!
Não ha nada peor do que ser estudante!...

Ha, lindeza, ha. E' deixar de ser estudante e fazer d'essas cousas. Mas a Correção está ali, e o Silva Pinto anda como uma bixa. E' o que nos vale!



Tambem nos enviaram um numero do *Districto de Vizeu*, cujo artigo de fundo se intitula:

CAPITÕES MORES

Sobre este caso dos capitões ha varias opiniões.



Um caridoso anonymo envia nos um bilhete postal exhortando nos a que «não desçamos a occupar-nos mais do Faria».

Essa agora! Então porque nos occupamos de uma figura em evidencia em todos os ramos da actividade humana e antes pelo contrario, porque glorificamos um funcionario illustre, um titular illustrissimo, um homem excellentissimo que lá fora tanto eleva o nome portuguez e o resto...

— Marqueza, isto é descer?!



Noticiava hontem um jornal, que um tal José Maria de Oliveira ferira a sua amante Ludovina, natural de Moçambique, atirando-lhe um banco á cabeça, sendo uzeiro e vezeiro nesta proeza.

Se é uzeiro e vezeiro, é porque costuma praticar tal acção a miude, servindo se de um banco. Ora, sendo a mulher de Moçambique...

Está claro como agua! Esta occorrença policial devia intitular-se:

Regimen bancario do Ultramar



Capa para encadernação do 1.º volume d'A PARODIA Preço 700 réis

Está á venda, em Lisboa, no escriptorio da nossa Administração, na Rua Augusta 220 e 222, e em diversas livrarias e tabacarias. No Porto, em casa de Arnaldo Soares, Praça de D. Pedro. Em Coimbra, na livraria de J. Mesquita.

A Administração encarrega se de mandar encadernar o volume pela quantia de **200 réis**.

Os pedidos da Provincia para remessa de capas, deverão ser acompanhados de 40 réis para porte do correio, de cada capa.

A LAGRIMA INTERNACIONIONAL



O Sr. Julz Velge, verificando a lagrima : — Póde correr !

O Sr. Governador Civil : — A lagrima é livre até á meia noite !

E neste record da lagrima internacional, Portugal sobreleva todas as nações da Europa, Asia, Africa, America e Oceania.